

CORREIO BRAZILIENSE

Assunto: Brasil S/A

Título: 1b O Brasil segundo Fishlow

Data: 10/04/2005

Crédito: Carlos Alberto Jr.

“O FUTURO PARA O BRASIL É O MUNDO. E COMO PARTE DO MUNDO, OS EUA TÊM GRANDE IMPORTÂNCIA”

O economista americano Albert Fishlow está intrigado com o bom desempenho da economia brasileira desde o começo dos escândalos de corrupção envolvendo autoridades do governo e do Partido dos Trabalhadores (PT). Observador atento do país nos últimos 40 anos, ele considera que, pela primeira vez, há uma separação quase completa entre a economia e a vida política. Diretor do Instituto para Estudos Latino-Americanos e Ibéricos da Universidade de Columbia, Fishlow conversou com o Correio por telefone, no começo da tarde da quinta-feira passada, de seu escritório, em Nova York.

Na avaliação de Fishlow, o Brasil tem se aproveitado da boa conjuntura internacional. A economia mundial tem crescido há dois anos e o país aumentou a presença no comércio global. “Todos os sinais são da cor verde. De fato, é uma situação bem diferente da perspectiva que existia em 2002”, afirma. Espera-se continuidade na trajetória de queda das taxas de juros, o governo tem acumulado reservas e zerou a dívida com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Para o professor da Universidade de Columbia, a alta dos juros nos Estados Unidos (EUA) e a redução da demanda chinesa não devem causar tantos estragos nas economias da América Latina, como se tem especulado. “Pela primeira vez estamos tendo sinais de recuperação das economias japonesa e européia, algo que reflete muito bem a diversificação da economia mundial e menos dependência de uma nação ou de outra. Por outro lado, o Brasil e outros países latinos produtores de matérias primas têm tido ganhos com o aumento dos preços nos últimos três anos.”

Os recentes acordos bilaterais entre EUA e países sul-americanos são sempre apontados como uma tentativa de sabotar o Mercosul e forçar a criação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca) de acordo com os interesses americanos. Para Fishlow, essa história carece de argumentos sólidos e está mais para teoria da conspiração. O fato, afirma, é que o Mercosul tem seus próprios problemas.

Ele lembra que o bloco sul-americano deu um grande salto em determinado momento da década de 90, mas, nos últimos 10 anos, a taxa de crescimento é mínima. E tem problemas permanentes com a Argentina nas áreas de têxteis, automóveis, açúcar, bens de consumo duráveis.

“Houve um período em que (Domingo) Cavallo (ex-ministro da Economia) dizia que, em vez de ter um mercado comum, deveria haver uma área de livre comércio. Tem gente imaginando que o Mercosul representa o futuro. Mas eu entendo que o futuro para o Brasil é o mundo. E como parte do mundo, os EUA têm grande importância pelo fato de as exportações de manufaturados para os EUA serem maiores do que para qualquer outro mercado”, afirma o professor de Columbia.

Sul-Sul

Para Fishlow, a estratégia do Brasil de enfatizar a América Latina não funcionou. “Hoje em dia o país opera uma relação Sul-Sul. Não é ruim, mas precisa também de relação com a Europa e os EUA para balancear. De certo modo, isso foi um pouco esquecido. Esqueceram que havia oportunidades não aproveitadas. É necessário rebalancear um pouco a política externa.”

A chegada de presidentes de centro-esquerda ao poder na América Latina, na avaliação de Fishlow, reflete, em parte, a falta de crescimento das duas últimas décadas. “É um fato que a América Latina parou de crescer nos últimos 20 anos. E as pessoas não estão satisfeitas.”

A culpa é do Consenso de Washington? “Quando se coloca toda a culpa sobre o Consenso de Washington, está-se negando uma realidade. Todos os países, hoje em dia, têm inflação baixa, déficits limitados e a pobreza diminuiu”, argumenta o economista.

Além da educação, afirma, a América Latina precisa continuar as reformas macroeconômicas. “Não estamos no fim desse processo. Estamos falando de um pouco mais de 10 anos do plano real. O Brasil precisa de um governo poupador, que continue acumulando superávits e permitindo investimentos. É necessário um governo que esteja, pela primeira vez, na posição de poupador dentro do sistema brasileiro.”

A iniciativa brasileira de obter mais espaço nas negociações internacionais é um movimento legítimo. Para Fishlow, o Brasil já é um player. Se o país começar a crescer mais rápido, afirma, será um player ainda maior. “Por isso enfatizo a importância de se reformular a educação no país. É isso que vai dar a base para o crescimento contínuo.”

No Brasil, conta o economista, as pessoas estão satisfeitas porque quase 100% dos alunos entre cinco e 14 anos estão na escola, mas cerca de 20% dos estudantes repetem o ano escolar. Apenas quatro anos de estudo, independentemente da capacidade de ler e escrever, também são insuficientes para tornar o país competitivo. “As evidências aparecem nos exames internacionais em que o Brasil fica atrás de outros países. O governo brasileiro está falhando no quesito educação: gasta demais com educação superior, cerca de US\$ 1,5 mil anuais por aluno, contra mais ou menos US\$ 700 no nível primário.”

Para Fishlow, o Brasil não gasta pouco, gasta mal em educação. “A Coréia do Sul, que tem 40% da população nas universidades, gasta um percentual da renda menor do que o Brasil. A América Latina está atrás. É um assunto básico que precisa ser enfatizado porque o investimento humano é a base da capacidade de crescimento de um país.” Se Fishlow está realmente com a razão, a chegada de outubro oferece uma nova oportunidade para os brasileiros corrigirem o rumo do país.